

Jimmie Durham (E.U.A., 1940) iniciou o seu percurso como ativista político, poeta e *performer* muito jovem, no início da década de 1960. Em 1969, já em Genebra, estudou escultura e *performance* na École National Supérieure des Beaux Arts.

De regresso aos Estados Unidos envolveu-se com o *American Indian Movement*, do qual integrou o Conselho Central e, posteriormente, dirigiu o *International Indian Treaty Council*, tendo vindo a ser o seu representante nas Nações Unidas.

Em 1980, voltou a dedicar-se à arte, mantendo, no entanto, o ativismo político e associativo. Deixou os E.U.A. em 1987 e foi viver para Cuernavaca, México, período durante o qual participou em exposições internacionais de referência, como a Documenta (Kassel, Alemanha) ou a Bienal de Whitney (Nova Iorque, E.U.A.). Estabeleceu-se na Europa em 1994, residindo atualmente entre Berlim e Nápoles.

Os seus textos foram reunidos num livro intitulado *A Certain Lack of Coherence* (Kala Press, 1993), tendo sido publicado um segundo volume mais recentemente, *Jimmie Durham: Waiting to be Interrupted. Selected Writings 1993–2012* (M HKA e Mousse Publishing, 2014).

Em 2017, foi objeto da exposição retrospectiva *Jimmie Durham: At the Center of the World*, organizada pelo Hammer Museum (Los Angeles, E.U.A.) onde foi primeiramente apresentada, tendo passado posteriormente por outros locais: Walker Art Center (Minneapolis, E.U.A.), Whitney Museum of American Art (Nova Iorque, E.U.A., 2017-2018) e Remai Modern (Saskatoon, Canadá, 2018).

Este ano ganhou, na 58ª Bienal de Veneza, o Leão de Ouro pelo conjunto da sua obra.